

Identificação do Objeto



Número: 84.017
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Mobiliários e Utensílios Domésticos
Classificação: Objeto de uso profissional e doméstico
Título: Roda de Fiar
Data e Modo de Aquisição: 12.03.1984 / doação
Código do Doador: 002
Data atribuída: Primeira metade do século XX
Material e Técnica: Madeira, ferro, couro e montagem
Origem: Uberaba, MG
Conservação: Regular
Dimensões: 89 x 37 x 81 cm

Descrição e Dados Históricos do Objeto

A Roda de fiar é constituída por um banco levemente inclinado, sustentado por quatro pernas lisas de madeira, igualmente inclinadas; em duas delas prende-se um pedal formado por duas travessas, sendo uma menor perpendicular a outra maior; sobre o banco, em seu lado mais baixo, fixam-se dois braços paralelos e verticais, as "virgens", em cujas extremidades encaixa-se uma roda, a "bolandeira", de aro frisado, com remendos de chapas de ferro, e com raios em cruzeta, com uma rodela ao meio, atravessada por um eixo de ferro, o "veio", com um extremo terminado em uma biela, na qual se prende uma haste de madeira, ou "rabicho da bolandeira", cuja extremidade inferior liga-se ao pedal; no lado mais alto do banco, encontra-se a armação, ou "espelho", do dispositivo de fiação, composta por uma barra horizontal que se projeta além da largura do banco, duas traves verticais oitavadas na sua metade inferior e quadrangulares na metade superior travadas por uma travessa reta com os cantos arrematados por pinos torneados, de cujo meio eleva-se um outro pino, o "tempereiro", em forma de cavilha; entre as traves, ao meio, prende-se uma orelha de couro, que servem de sustentação ao fuso, este composto de um eixo onde se encaixam um aro de madeira, ou "volante", recortado em forma da letra "U", com um dos lados, onde acoplam um carretel e uma pequena roldana, que é movimentada por meio do "cordel", uma correia de transmissão ligada à bolandeira, que por sua vez é girada através do movimento de vai e vem que o pedal transmite ao rabicho da bolandeira. O processo de confeccionar fios é bem antigo. A hipótese mais aceita entre os historiadores é que a atividade teria surgido há cerca de 6.500 a. C. Eles eram puxados, individualmente, de um novelo de lã que era colocado em uma vareta bifurcada chamada de roca de fiar e retorcido em outra vareta chamada fuso. Registros históricos supõem que a roda de fiar surgiu na Índia entre 500 a 1000 d.C. Foi introduzida na Europa a partir do século XIII, acompanhando o surgimento das feiras e cidades medievais e competindo com a roca e o fuso. Chegou à América, provavelmente, a partir do século XVI, quando tiveram início as primeiras colonizações ibéricas no continente. No entanto, registros históricos comprovaram a existência de técnicas similares a essa ferramenta na América Pré-colombiana. Essa roda de fiar foi uma doação de Maria Carmelita R.C. Araújo para o Museu do

Zebu realizada em 12 de março de 1984, sendo exposta na exposição intitulada A mão-de-obra nas Fazendas de Criação, promovida por essa Fundação em 1985. A importância dessa peça integra o cotidiano da vida social desde o surgimento das primeiras fazendas ou latifúndios que foram surgindo no Brasil desde os primórdios da colonização, sejam elas de produção açucareira, manufatureira, pecuária ou demais gêneros de produção. A popularização dessas máquinas manuais tornou-se comum durante a fase em que o Império e os anos iniciais da República Velha contribuíram para a consolidação do Brasil como um país de economia essencialmente agrária, mas que buscava acompanhar a febre industrial que se tornava mais evidente a partir do final do século XIX. E foi nesse período também que a zebuicultura surgiu no Brasil, onde a consolidação da atividade no século XX acabou transformando o país em um dos maiores produtores de carne bovina do mundo. Essas instâncias produtivas são bastante comuns atualmente e representam a tradição sertaneja que teima em desaparecer totalmente da vida, rural ou urbana, que continua sendo uma característica bastante peculiar do país. Famílias ligadas a esse ramo, como é o caso da doadora desse objeto, esforçam-se para que a memória permaneça, sabendo ser importante esse tipo de preservação para promover e resguardar a continuidade histórica das gerações futuras. Ferramentas como essas permitiam às famílias a fabricação autossuficiente de itens importantes para a sobrevivência e a adaptação social das mesmas no diversificado universo cultural e político da vida no Brasil. Apesar de perder parte de sua eficiência para a modernização das indústrias atualmente, não deixaram de ter sua relevância, entre tantos outros aspectos, para a memória ligada ao trabalho artesanal característico de todos os tempos.